

OÁSIS PATAGÔNICO

Conheça a história de duas famílias paulistanas que trocaram o céu cinza, a poluição e a rotina extenuante de São Paulo por uma vida aos pés da Cordilheira dos Andes, num projeto em que sustentabilidade, economia circular e conscientização são práticas levadas mais do que a sério

POR CAMILA LIMA

FOTOS: BILU LAGERDA, DEMERSON ALBINO E MARCELO SCHAFFER



S

abe aquele sonho de abandonar o caos das grandes cidades, levar uma vida mais saudável, sustentável, e ainda ensinar ao mundo que dá pra salvar o planeta? Um grupo de brasileiros foi parar numa pequena comunidade espalhada às margens do rio Futaleufú, na Patagônia chilena, para mostrar que ele pode ser real – e atende pelo nome de Pata.

Tudo começou quando quatro amigos de infância, paulistanos de espírito aventureiro, resolveram comprar juntos uma casa pré-fabricada no Chile. A propriedade serviria para as férias de suas famílias e seria instalada em um terreno na Patagônia argentina. A ideia era a de que os filhos de todos, ainda pequenos, pudessem crescer juntos, em contato direto com a natureza de uma das regiões mais famosas do planeta.

No meio do caminho, um episódio político colocaria um ponto final naquele projeto. “O governo de Cristina Kirchner impediu a entrada de importações na Argentina. Nós nos vimos com a casa comprada no Chile e sem a menor possibilidade de ser instalada onde havíamos planejado. O jeito foi partir atrás de um novo lugar, e assim, em 2014, viemos parar aqui e conhecemos este outro pedaço da Patagônia”, conta o publicitário Marcelo Schaffer, um dos idealizadores do projeto.

O pedaço em questão, sem qualquer tipo de exagero, poderia servir de inspiração para alguma obra de Gauguin, Dalí ou Monet. De um lado estão 2,5 km de praias de rio, com águas tranquilas de tom turquesa, cercadas por árvores frutíferas orgânicas, rebanhos de ovelhas, bosques nativos e intocados. Do outro lado do rio há uma reserva natural, protegida pelo governo chileno. Ao redor, uma vista panorâmica de montanhas nevadas.

Diante de tamanha grandiosidade e do poder latente da natureza, a ideia de simplesmente instalar por ali uma casa de temporada foi ficando para trás. E abrindo espaço para um projeto ainda maior: o desejo de que todas aquelas famílias dessem adeus definitivamente à cidade grande e encontrassem alguma maneira de viver por aquelas terras, tornando-as produtivas, sem causar qualquer impacto ao meio ambiente, e fomentando um projeto de trabalho de economia circular. A ideia era a de que todos os envolvidos pudessem viver dela e, de quebra, estimular o trabalho da comunidade local.

Henry Aji, o primeiro dos amigos a desbravar a área, teve certeza absoluta, desde o primeiro momento, de que viveria ali com sua família. Ainda em 2013, por ali só havia mesmo a paisagem retumbante. Gente de verdade, apenas a 15 quilômetros de distância, no povoado de Futaleufú, hoje com menos de 4 mil habitantes. “Fui jornalista e documentarista, sempre tive a natureza como o fio condutor do meu trabalho, filmando manadas de elefantes na África ou cruzando a pé a fronteira entre o Paquistão e o Afeganistão. Vi com meus próprios olhos tudo o que o homem era capaz de fazer em prol de nosso ecossistema, mas também como podia destruí-lo sem qualquer responsabilidade”, conta. Aquele pedaço de terra, para Henry, tinha cara de uma tela em branco. E foi assim, ao lado da mulher Tatiana Barbosa, também jornalista e documentarista, e do primeiro filho do casal, Thomás, na época com 2 anos, que ele se aventurou pela região.

A diretora de arte Biju (apelido de Cristiane Lacerda), mulher de Marcelo, chegou alguns anos depois



Da esquerda para a direita: os amigos e sócios Henry Aji, Tatiana Batista, Biju Lacerda e Marcelo Schaffer. Na dupla anterior, vista aérea do Pata e da primeira fazenda que integra o empreendimento às margens do Futaleufú

à primeira fazenda do Pata e achou que o marido estava louco ao contar que planejava investir todas as economias da família em uma terra na Patagônia chilena, local que eles nem sequer conheciam. A decisão começou a fazer sentido quatro anos depois da ideia, quando a escola estava sendo construída na fazenda e tiveram a coragem para abandonar a vida paulistana. E assim seguiram, com dez malas, rumo à Patagônia. “A decisão de ir viver em uma região remota e participar ativamente do projeto do Pata foi impulsionada pela esperança de proporcionar à nossa família uma vida com mais propósito, valorizando aquilo que realmente importa. O primeiro ano não foi fácil, o clima frio, a liberdade, o isolamento e a imensa força da natureza são desafiadores e te obrigam a ‘olhar para dentro’”, conta. Hoje, os filhos do casal, Leo, de 8 anos, e Luna, de 11, estudam junto de outras oito crianças do povoado na escola Árbol de la Vida, localizada dentro da propriedade onde vivem.

A

lém da escola, construída literalmente pelas mãos de todas essas famílias e com aulas comandadas por professores locais, nasceu também o Pata Lodge, um complexo hoteleiro formado por seis cabanas que Biju, Marcelo, Tatiana e Henry administram. Um lugar também mágico, que atrai gente do mundo todo disposta a unir-se integralmente com o meio ambiente. “O engraçado é que, quando chegam nossos hóspedes, a primeira pergunta acaba sendo qual é a senha do wi-fi. Aos poucos, a Patagônia acaba tomando conta de cada um deles e os celulares vão ficando cada vez mais longe. Juntos, vamos mergulhar no rio, praticar stand up paddle, colher framboesas e até curtir um cinema ao ar livre”, conta Marcelo.

Todas as cabanas que integram o complexo são auto-suficientes energeticamente, pensadas para causar impacto zero ao meio ambiente. Quem se hospeda por ali ainda tem a chance de aproveitar algum dos workshops desenvolvidos pelo grupo, com temas como arte, astronomia, meditação, ioga e antroposofia.

Outra área do complexo bastante disputada é o Quincho, a casa onde acontecem as refeições de quem se hospeda no Lodge. Em uma grande mesa comunitária, pratos são preparados a partir de ingredientes orgânicos,

colhidos há pouco na horta local. Em volta dessas mesmas cabanas surgem agora novas fazendas, fruto do empreendimento imobiliário fomentado pelo grupo e que, a exemplo de condomínios de luxo como o Boa Vista e o Quinta da Baroneza, no interior de São Paulo, vêm atraindo um número cada vez maior de brasileiros. Todos interessados em adquirir propriedades cercadas por reservas florestais e com direito a nascentes de rios. Algumas das casas do Pata, por exemplo, foram construídas pelo arquiteto Carlos Motta, fã convicto dos ideais sustentáveis do projeto. “Todas são construídas inteiramente com a mão de obra local e respeitando características e adversidades do terreno. Não há terraplanagem, nem o uso de qualquer matéria-prima que não seja daqui e que não tenha total sinergia com o entorno”, explica. Para chegar até a região, pode-se partir de Buenos Aires. Há um voo de aproximadamente 2h30 até a cidade de Esquel, na fronteira da Argentina com o Chile. De lá, são mais 1h20 de carro.

Para Tatiana, que vive ali com os três filhos, de 10, 6 e 4 anos, ver o Pata hoje é mais do que a realização de um sonho. “Não é simples largar a vida da cidade grande e começar outra, do zero. Mas, até hoje, quando acompanho meus filhos à escola, vendo a bruma da manhã, as Cordilheiras ao fundo e a vida natural pulsante ao redor, me emociono.”

Abaixo, Biju e o cão da raça Gran Pirineo. Na pág. ao lado, Luna e Leo divertem-se no balanço construído pela família; as cabanas auto-suficientes do Lodge e o gato Zapallo; a colheita de cenouras da horta de orgânicos local, que alimenta hóspedes e moradores

